

ISSN: 2176-5960



LIBERDADE E VERDADE EM EDITH STEIN: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA E FILOSÓFICA

Clelia Peretti¹

Centro de Investigações em Edith Stein (CIES) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

RESUMO

O artigo analisa a relação entre liberdade, busca pela verdade e dignidade humana na obra de Edith Stein, com foco em sua abordagem fenomenológica e filosófica, especialmente na obra *Introdução à Filosofia* (2001). A liberdade é concebida como uma vivência essencial que permite ao ser humano autodeterminar-se e agir de forma autêntica, sendo indispensável para a afirmação da dignidade pessoal. Stein não a entende apenas como capacidade de escolha, mas como expressão da profundidade da alma e da vida espiritual, vinculando-a diretamente à verdade, que orienta ações responsáveis e significativas. A busca pela verdade, por sua vez, é apresentada como um percurso que transcende o saber imediato e as aparências, exigindo abertura interior, reflexão profunda e adesão a valores universais que conferem sentido à existência. Essa busca fundamenta e orienta a liberdade, garantindo que as escolhas humanas estejam em consonância com o que é justo e verdadeiro. Além disso, Stein destaca a unidade entre corpo e alma, evidenciando que a dignidade humana se manifesta na expressão autêntica da interioridade. Por meio de uma análise fenomenológica, o artigo explora como a autora articula esses conceitos, demonstrando sua relevância para a filosofia e a teologia contemporânea e para a construção de uma sociedade mais justa e humana. Conclui-se que liberdade, verdade e dignidade formam uma tríade essencial para a compreensão da existência e da responsabilidade pessoal, constituindo pilares inseparáveis para a realização plena do ser humano e para a promoção de uma vida autêntica e significativa.

Palavras-chave: liberdade; verdade; dignidade humana; fenomenologia; autenticidade.

ABSTRACT

The article analyzes the relationship between freedom, the pursuit of truth, and human dignity in the work of Edith Stein, with a focus on her phenomenological and philosophical approach,

¹ Doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia EST, São Leopoldo-RS. Pós-doutorado em Fenomenologia no Centro Italiano di Ricerche Fenomenologiche e Pontifícia Universidade Lateranense - Roma. Docente e pesquisadora no Bacharelado em Teologia e no Programa Mestrado e Doutorado em Teologia – PUCRS. Ex-Presidente da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião – SOTER (2022-2025). Coordenadora de Centro de Investigações em Edith Stein (CIES-PUCRS). E-mail: cpkperetti@gmail.com

particularly in *Introduction to Philosophy* (2001). Freedom is conceived as an essential experience that enables the human being to self-determine and act authentically, being indispensable for the affirmation of personal dignity. Stein does not understand freedom merely as the ability to choose, but as an expression of the depth of the soul and spiritual life, linking it directly to truth, which guides responsible and meaningful actions. The pursuit of truth, in turn, is presented as a journey that transcends immediate knowledge and appearances, requiring inner openness, deep reflection, and adherence to universal values that give meaning to existence. This pursuit grounds and directs freedom, ensuring that human choices align with what is just and true. Furthermore, Stein emphasizes the unity between body and soul, highlighting that human dignity is manifested in the genuine expression of interiority. Through a phenomenological analysis, the article explores how the author weaves these concepts together, demonstrating their relevance to contemporary philosophy and theology, as well as to the construction of a more just and humane society. It concludes that freedom, truth, and dignity form an essential triad for understanding existence and personal responsibility, constituting inseparable pillars for the full realization of the human being and the promotion of an authentic and meaningful life.

Keywords: Freedom; truth; human dignity; phenomenology; authenticity.

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre os conceitos de liberdade, verdade e dignidade humana ocupa um lugar central na tradição filosófica, especialmente nas abordagens fenomenológicas do século XX. Nesse contexto, a produção filosófica de Edith Stein, notadamente em sua obra *Introdução à Filosofia* (2001)², oferece um arcabouço teórico consistente para a investigação da constituição da consciência e dos fundamentos éticos da existência humana. A autora concebe a liberdade como uma vivência ontológica essencial, que transcende a mera capacidade de escolha e se manifesta como autodeterminação do sujeito. Essa liberdade está intrinsecamente vinculada à busca pela verdade, orientando a práxis humana e conferindo sentido à existência.

O presente capítulo tem como objetivo examinar, sob a perspectiva fenomenológica e filosófica, a inter-relação entre liberdade, verdade e responsabilidade na formação da consciência, conforme delineada por Edith Stein na obra *Introdução à Filosofia* (2001). A análise enfatiza que a liberdade genuína implica responsabilidade moral, compreendida como a assunção das consequências das escolhas individuais e o engajamento ético que delas decorre. Nesse sentido, a liberdade é concebida como

² Para este artigo, utilizaremos como obra de referência a versão italiana: Stein, Edith. *Introduzione alla filosofia*. Prefácio de Angela Ales Bello. 2ª edição. Tradução de Anna Maria Pezzella. Roma: Città Nuova Editrice, 2001. As traduções das referências neste artigo são de nossa autoria.

prática ética que supera o individualismo e se insere em uma dinâmica intersubjetiva e comunitária, promovendo empatia, respeito mútuo e harmonia social.

A metodologia adotada fundamenta-se em uma análise hermenêutica da obra em questão, orientada pelos princípios da fenomenologia. Essa abordagem permite compreender a liberdade a partir da experiência vivida e da análise da consciência individual, revelando sua relação com a vontade, os valores e as ações. Além disso, a fenomenologia ilumina a dimensão relacional da formação da consciência, evidenciando como a interação entre o sujeito e a comunidade contribui para a construção de valores éticos e para o desenvolvimento da empatia.

A concepção de liberdade em Edith Stein revela-se multifacetada: ela é vivência essencial da existência humana, expressão da autonomia interior, abertura ao transcendente e realização ética no contexto comunitário. Ao vincular liberdade à responsabilidade e à verdade, Stein propõe uma visão integrada da consciência, em que o agir humano é orientado valores éticos fundamentais e pela busca do bem. Sua contribuição, portanto, se mostra relevante para o pensamento filosófico contemporâneo, oferecendo uma base sólida para refletir sobre os desafios éticos que emergem da liberdade e da responsabilidade no mundo atual.

Neste artigo, exploramos os fundamentos filosóficos do pensamento de Edith Stein, destacando sua formação fenomenológica sob a influência de Husserl e a posterior transição para uma abordagem mais metafísica e teológica. A relação entre subjetividade e objetividade emerge como eixo central na busca da verdade, revelando que a liberdade interior é condição essencial para o conhecimento autêntico. Stein propõe uma consciência moldada pela responsabilidade, em constante tensão entre a liberdade pessoal e a verdade absoluta. Sua conversão ao cristianismo é interpretada como expressão de liberdade existencial, marcando uma abertura ao transcendente influenciada pelo pensamento tomista. A fenomenologia da verdade, tal como concebida por Stein, ultrapassa a razão discursiva, apresentando a verdade como revelação vivida e compartilhada na intersubjetividade. Por fim, a liberdade é compreendida como fundamento da ação ética, articulando-se com a formação do eu moral e com a dignidade humana, em um percurso que une liberdade, verdade e ética como pilares da existência.

1 FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DE EDITH STEIN

1.1 Influência de Husserl e a fenomenologia como método

A influência de Edmund Husserl na filosofia contemporânea, especialmente no desenvolvimento da fenomenologia como método filosófico, é amplamente reconhecida e exerce papel fundamental na obra de Edith Stein. Considerado o fundador da fenomenologia, Husserl propôs uma abordagem rigorosa para investigar a essência dos fenômenos, buscando compreender os objetos tal como se manifestam à consciência. Seu objetivo era alcançar o “ser verdadeiro que está por trás dos fenômenos — aquilo que é objetivo, idêntico para qualquer sujeito compreendente; ou seja, as qualidades primárias que aderem às coisas mesmas” (Stein, 2001, p. 90).

Um dos conceitos centrais introduzidos por Husserl é o da “redução fenomenológica”, que consiste em suspender os juízos sobre a existência dos objetos externos, a fim de concentrar-se na essência das experiências. Essa suspensão permite explorar de forma mais precisa a relação entre sujeito e objeto, revelando as estruturas fundamentais da consciência. Edith Stein, ao comentar esse procedimento, afirma que “os seres humanos, os animais e todos os seus estados – físicos e psíquicos – pertencem ao mundo real e são colocados fora de circuito por meio da ‘redução fenomenológica’” (Stein, 2001, p. 48).

Como discípula e assistente de Husserl, Edith Stein incorporou profundamente esse método em suas investigações filosóficas. Em sua obra, ela caracteriza a fenomenologia como uma “descrição fiel dos fenômenos”, destacando a importância de suspender preconceitos e pressupostos para examinar os fenômenos em sua pureza. Stein, no entanto, não se limita à aplicação técnica do método husserliano; ela o expande ao abordar temas como subjetividade, intersubjetividade e empatia, explorando a experiência do outro e as dinâmicas das relações humanas.

Além disso, Husserl enfatizou a aplicabilidade da fenomenologia em campos como a Psicologia e as Ciências do Espírito, argumentando que ela oferece os fundamentos para uma psicologia descritiva e para a análise das estruturas da vida espiritual. A noção de “consciência originária” ocupa lugar central em sua filosofia, servindo como base para a compreensão da subjetividade e da realidade. Nesse contexto, Husserl aborda a inter-relação entre percepção, intuição e evidência, elementos que também são retomados e aprofundados por Edith Stein em sua própria elaboração filosófica.

1.2 A transição de Stein do pensamento fenomenológico para uma abordagem mais metafísica e teológica

Edith Stein, inicialmente marcada pela influência direta do pensamento fenomenológico de Edmund Husserl, desenvolveu ao longo de sua trajetória filosófica uma transição significativa que a conduziu de uma abordagem fenomenológica rigorosa para uma perspectiva mais metafísica e teológica. Essa mudança não representa uma ruptura, mas sim uma ampliação de horizonte, motivada por sua busca por uma compreensão mais profunda da realidade — uma realidade que, para ela, ultrapassa os limites da descrição fenomenológica e se enraíza em questões ontológicas e espirituais.

No início de carreira, Stein dedicou-se intensamente à fenomenologia como método filosófico, especialmente na análise da empatia e da intersubjetividade. Sua obra *O Problema da Empatia* (1917) é exemplar nesse sentido, evidenciando sua adesão ao método husserliano ao investigar as estruturas da consciência e a experiência do outro (Stein, 2001, pp. 27–34). A fenomenologia, nesse contexto, é empregada como ferramenta para descrever com precisão os modos pelos quais o sujeito apreende o outro como um ser consciente, revelando a complexidade da vida intersubjetiva.

Com o passar do tempo, no entanto, Stein percebeu que a fenomenologia, embora significativa, não era suficiente para abordar questões mais abrangentes sobre o ser, a transcendência e a relação entre o finito e o infinito. Essa percepção a levou a expandir sua abordagem filosófica, incorporando elementos da metafísica tomista. A transição é particularmente evidente em *Ser Finito e Ser Eterno* (1932), obra na qual Stein investiga a estrutura do ser e a participação do ser humano no ser eterno, articulando a fenomenologia com a metafísica de Santo Tomás de Aquino (Stein, 2001, pp. 149–156; 226–236). Nesse trabalho, ela propõe uma síntese entre a análise fenomenológica da experiência e uma reflexão ontológica sobre a essência e a existência, marcando um ponto de inflexão em sua filosofia.

A conversão de Stein ao catolicismo desempenhou papel decisivo nesse processo de transição. A partir de sua experiência religiosa, ela passou a integrar elementos teológicos em sua reflexão filosófica, abordando temas como a graça, a fé e a relação entre Deus e a alma humana. Essa integração entre filosofia e teologia é particularmente evidente em *Ciência da Cruz* (1942), obra em que Stein se inspira na espiritualidade de São João da Cruz para refletir sobre o mistério da cruz e a experiência espiritual profunda (Stein, 2001, pp. 83–92; 27–34). Aqui, a fenomenologia é utilizada como

instrumento para compreender a vivência interior do sofrimento, da entrega e da união mística com o divino, revelando a profundidade da experiência religiosa como dimensão constitutiva da existência humana.

Assim, a trajetória filosófica de Edith Stein revela uma evolução que parte da descrição rigorosa dos fenômenos da consciência e culmina em uma reflexão ontológica e teológica sobre o ser humano em sua abertura ao transcendente. Sua obra representa uma contribuição singular à filosofia contemporânea, ao integrar com profundidade o método fenomenológico à metafísica e à teologia cristã.

1.3 A relação entre subjetividade e objetividade na busca da verdade

No item anterior, foi considerado que a relação entre subjetividade e objetividade na busca pela verdade constitui um dos eixos centrais da reflexão filosófica de Edith Stein em *Introdução à Filosofia* (2001). Neste ponto, observa-se que a autora investiga como a consciência individual — expressão da subjetividade — se articula com a realidade externa — expressão da objetividade — no processo de conhecimento, propondo uma abordagem que integra essas dimensões com o objetivo de alcançar uma compreensão mais profunda da verdade.

Stein parte da premissa de que a subjetividade é o ponto de partida de toda experiência cognitiva. Ela afirma que “a consciência originária é o fundamento último da percepção interna e externa, sendo o ponto de partida para a apreensão da verdade” (Stein, 2001, p. 156). A percepção sensível, nesse contexto, é considerada o fundamento da experiência da natureza, pois é por meio dela que o ser da coisa se apresenta à consciência “em carne e osso” (Stein, 2001, pp. 82–83). No entanto, Stein reconhece que essa forma de percepção é limitada e sujeita a ilusões, sendo insuficiente para garantir o acesso à verdade. Por isso, ela defende a necessidade de uma análise mais profunda que ultrapasse os dados sensíveis e investigue as estruturas essenciais da realidade.

A objetividade, por sua vez, é concebida por Stein como uma instância que não pode ser negligenciada na busca pela verdade. Ela sustenta que a filosofia deve investigar a essência das coisas, ou seja, aquilo que constitui o “ser verdadeiro” dos objetos, independentemente de como eles se apresentam à consciência (Stein, 2001, pp. 25–26). Essa investigação ontológica é vista como fundamental para superar os limites da subjetividade e alcançar uma compreensão mais abrangente da realidade. Nesse

sentido, Stein afirma que “a verdade objetiva é o critério que valida a experiência subjetiva, garantindo que o conhecimento não seja apenas uma construção interna, mas também uma correspondência com a realidade externa” (Stein, 2001, p. 230).

A mediação entre subjetividade e objetividade ocorre, segundo Stein, por meio da crítica da razão, que permite à consciência transcender a si mesma e se dirigir aos objetos externos. Ela explica que “a percepção interna não apenas ilumina os estados psíquicos, mas também revela a conexão entre o ser e a consciência, permitindo uma compreensão mais profunda da realidade” (Stein, 2001, p. 236). Essa capacidade de transcendência é, para Stein, o núcleo da busca pela verdade, pois possibilita que a subjetividade se relacione de forma significativa com a objetividade.

Outro aspecto relevante na abordagem de Stein é a intersubjetividade, entendida como elemento essencial na validação da verdade. A autora argumenta que o mundo natural é um “mundo intersubjetivo”, compartilhado por múltiplos sujeitos, e que a concordância entre diferentes consciências constitui uma forma de confirmar a objetividade da experiência (Stein, 2001, p. 82). Essa perspectiva reforça a ideia de que a busca pela verdade não é apenas um empreendimento individual, mas também um processo coletivo que envolve a interação entre subjetividades distintas.

Assim, Edith Stein apresenta uma concepção equilibrada da relação entre subjetividade e objetividade, reconhecendo a importância da consciência individual como ponto de partida, mas enfatizando que a verdade só pode ser alcançada por meio de uma investigação ontológica e crítica que transcenda os limites da experiência subjetiva. Sua abordagem revela a complexidade do processo de conhecimento e a necessidade de integrar múltiplas perspectivas para alcançar uma visão mais completa da realidade.

2 A LIBERDADE COMO CONDIÇÃO DA VERDADE

2.1. A liberdade interior como pré-requisito para o conhecimento verdadeiro

Na obra *Introdução à Filosofia* (2001), Edith Stein propõe uma reflexão profunda sobre os fundamentos do conhecimento, destacando a liberdade interior como um pré-requisito essencial para a apreensão da verdade. Essa liberdade não se configura apenas como uma condição psicológica, mas como uma disposição ética e

espiritual que permite ao sujeito transcender os limites impostos pela experiência sensível e pelas influências externas.

Segundo Stein, a liberdade interior consiste na capacidade do sujeito de se desvincular de preconceitos, interesses práticos e condicionamentos sociais, orientando sua consciência de forma desinteressada para a verdade. Ela afirma que “o sujeito que vive teoricamente o faz com ‘os olhos bem abertos’, abandonando todo preconceito e toda forma de conhecimento já dada, para ver ‘como as coisas realmente são’” (Stein, 20001, p. 22). Essa postura teórica exige uma abertura radical à realidade, onde o sujeito se coloca em estado de receptividade diante do ser.

A autora descreve essa liberdade como um estado em que o sujeito se emancipa das exigências do mundo prático e se volta ao mundo objetivo, permitindo que a verdade se manifeste em sua plenitude. Conforme Stein explica, “a liberdade interior é o estado em que o sujeito se liberta das amarras do mundo prático e se volta para o mundo objetivo, permitindo que a verdade se revele em sua plenitude” (Stein, 20001, p. 28). Trata-se, portanto, de uma atitude que exige renúncia e autodomínio, implicando uma ética do conhecimento.

Além disso, Stein reconhece que a percepção sensível, embora constitua o ponto de partida para o conhecimento, está sujeita a distorções e limitações. Ela escreve: “A percepção sensível, embora seja o ponto de partida para o conhecimento, está sujeita a ilusões e limitações. Apenas o sujeito que alcança a liberdade interior pode transcender essas limitações e acessar a essência das coisas” (Stein, 20001, p. 83). A superação dessas barreiras exige uma consciência capaz de refletir criticamente sobre suas próprias operações cognitivas.

A liberdade interior está, portanto, intimamente ligada à capacidade de reflexão e autoconhecimento. Stein afirma que “a reflexão é o ato pelo qual o sujeito se volta para si mesmo, examinando suas próprias disposições e eliminando aquilo que impede a apreensão da verdade” (Stein, 20001, p. 186). Esse movimento introspectivo é fundamental para distinguir entre o verdadeiro e o ilusório, permitindo ao sujeito depurar sua relação com o mundo.

Deste modo, Stein associa a liberdade interior à transcendência espiritual, entendida como a elevação do sujeito acima de si mesmo em direção ao ser eterno. Ela conclui que “a liberdade interior é o estado em que o sujeito se eleva acima de si mesmo, conectando-se com o ser eterno e participando da verdade última” (Stein,

20001, p. 233). Assim, a liberdade interior não apenas viabiliza o conhecimento verdadeiro, mas também insere o sujeito em uma dimensão ontológica mais profunda, onde a verdade se revela como participação no ser.

Em síntese, a liberdade interior, conforme delineada por Edith Stein, envolve autonomia, reflexão, autodomínio e transcendência. Trata-se de uma condição indispensável para que o sujeito se aproxime da verdade de maneira autêntica, desinteressada e integral.

2.2 Liberdade e responsabilidade na formação da consciência

Na obra *Introdução à Filosofia* (2001) Edith Stein desenvolve uma análise rigorosa sobre a interdependência entre liberdade e responsabilidade na constituição da consciência. Para a autora, a liberdade não se reduz a uma mera faculdade de escolha, mas representa uma condição ontológica que implica um compromisso ético com a formação do caráter e da consciência moral. Ela afirma que “a liberdade é vivida em cada ato espontâneo, mas não é apenas uma capacidade de fazer ou não fazer algo; é uma datidade ineliminável que exige responsabilidade na escolha e na formação do caráter” (Stein, 20001, p. 207).

A liberdade, nesse contexto, não é concebida como um estado absoluto ou desvinculado da realidade concreta do sujeito. Ao contrário, Stein reconhece que ela está condicionada pelas circunstâncias existenciais e pelas limitações inerentes à condição humana. Ela escreve: “A formação da consciência exige que o sujeito reconheça os limites de sua própria liberdade e, ao mesmo tempo, assuma a responsabilidade por suas escolhas e ações” (Stein, 20001, p. 209). Tal reconhecimento é indispensável para que o agir humano se configure como ético e consciente.

A autora também estabelece uma relação estreita entre liberdade e autoeducação, entendida como o processo reflexivo pelo qual o sujeito se compreende e se transforma. Nesse sentido, Stein observa: “Na percepção interna, o sujeito se vê como é e percebe o processo de desenvolvimento que o levou a ser o que é. A liberdade, nesse contexto, é a capacidade de moldar esse processo, reprimindo certos impulsos e cultivando qualidades que estão em potencial” (Stein, 20001, p. 209). A liberdade, portanto, é o motor da autoconstrução, permitindo ao sujeito orientar seu desenvolvimento segundo valores éticos.

A formação da consciência moral, segundo Stein, depende da articulação entre liberdade e responsabilidade. Ela afirma: “A consciência moral é formada quando o sujeito, em sua liberdade, escolhe agir de acordo com valores éticos e assume a responsabilidade por essas escolhas” (Stein, 20001, p. 233). A liberdade torna-se, assim, o fundamento da ação moral, enquanto a responsabilidade garante sua autenticidade e profundidade.

Stein também vincula a liberdade à transcendência espiritual, compreendida como a capacidade do sujeito de superar suas limitações e se conectar com valores superiores. Ela escreve: “A liberdade é o que permite ao sujeito superar suas limitações e se conectar com valores superiores, assumindo a responsabilidade por sua própria formação e pelo impacto de suas ações no mundo” (Stein, 20001, p. 209). Essa dimensão transcendente da liberdade revela sua função não apenas antropológica, mas também metafísica.

Em outra passagem, Stein reforça a ideia de que “a liberdade é um elemento constitutivo da pessoa, e a vida voluntária é inseparável da responsabilidade” (Stein, 20001, p. 161). A autodeterminação, nesse sentido, é a força que permite ao sujeito moldar sua consciência e caráter, assumindo responsabilidade por suas escolhas (Stein, 20001, p. 153). Contudo, ela adverte que “a liberdade não é ilimitada; ela exige que o sujeito reconheça os valores e os deveres que se apresentam à sua consciência e aja de acordo com eles” (Stein, 20001, p. 151). A formação do caráter, portanto, exige uma síntese entre liberdade e responsabilidade (Stein, 20001, p. 152).

Edith Stein afirma ainda que “a liberdade interior é o que permite ao sujeito discernir entre o que é verdadeiro e o que é falso, entre o que é bom e o que é mau, assumindo responsabilidade por suas escolhas e ações” (Stein, 2001, p. 162). A liberdade, nesse sentido, não é apenas uma condição para o conhecimento, mas também para a ação ética e para a realização plena da pessoa.

2.3 A tensão entre liberdade pessoal e verdade absoluta

Na obra *Introdução à Filosofia*, Edith Stein desenvolve uma reflexão profunda sobre a tensão entre liberdade pessoal e verdade absoluta, destacando essa relação como central para a formação da consciência e para a busca do sentido da existência. Para Stein, a liberdade pessoal constitui uma condição necessária para que o sujeito se volte à verdade; contudo, essa liberdade não pode ser concebida como autônoma ou

desvinculada de princípios que transcendem o indivíduo. Ela afirma que “a liberdade pessoal não é um estado absoluto; ela encontra seus limites na verdade absoluta, que exige do sujeito uma abertura e uma disposição para se submeter ao que é essencial e universal” (Stein, 2001, p. 90).

A autora adverte que, quando a liberdade pessoal se afasta da verdade absoluta, corre-se o risco de cair no relativismo e na dissolução do sentido existencial. Nesse contexto, Stein observa: “A liberdade, sem a orientação da verdade, corre o risco de se tornar um exercício vazio, onde o sujeito se perde em suas próprias inclinações e desejos, afastando-se do que é verdadeiro e essencial” (Stein 2001, p. 119). A liberdade, portanto, deve ser exercida com responsabilidade e direcionada à busca da verdade, sob pena de se tornar um mecanismo de alienação.

Importa destacar que, para Stein, a verdade absoluta não representa uma força coercitiva que anula a liberdade pessoal. Ao contrário, ela constitui o horizonte que confere sentido à liberdade, elevando-a a uma dimensão superior. A autora afirma: “A verdade absoluta não é uma imposição que limita a liberdade; ao contrário, ela é o horizonte que dá sentido à liberdade, permitindo que o sujeito se realize plenamente ao se conectar com o que é eterno e universal” (Stein, 2001, p. 233). Essa concepção revela uma perspectiva integradora, na qual liberdade e verdade se complementam mutuamente.

A tensão entre esses dois polos também se manifesta na formação do caráter e da consciência moral. Stein escreve: “A liberdade pessoal é o que permite ao sujeito escolher entre diferentes valores, mas a verdade absoluta é o que garante que essas escolhas sejam feitas de maneira ética e responsável” (Stein, 2001, p. 151). A liberdade, nesse sentido, não é apenas uma faculdade de escolha, mas uma exigência ética que pressupõe discernimento e compromisso com o bem.

Assim, Stein adverte que a liberdade pessoal e a verdade absoluta não devem ser vistas como forças antagônicas, mas como dimensões complementares da existência humana. Ela afirma: “A liberdade encontra sua plenitude quando se orienta pela verdade absoluta, e a verdade se torna acessível ao sujeito quando este exerce sua liberdade de maneira autêntica e responsável” (Stein, 2001, p. 162). Essa tensão, longe de ser um obstáculo, constitui o motor que impulsiona o sujeito a transcender suas limitações e a se conectar com o que é essencial e eterno.

3 DIMENSÃO ESPIRITUAL DA LIBERDADE

3.1 A conversão de Edith Stein ao cristianismo como expressão de liberdade existencial

Edith Stein explora também a dimensão espiritual da liberdade em sua obra *Introdução à Filosofia* (2001), destacando que a liberdade existencial está profundamente conectada à busca pelo sentido da vida e à transcendência espiritual. Sua conversão ao cristianismo é um exemplo marcante dessa liberdade vivida em sua plenitude. Stein afirma: "A liberdade espiritual é o que permite ao sujeito superar suas limitações e se abrir ao absoluto, encontrando na verdade divina o fundamento para sua existência" (Stein, 2001, p. 209).

Como já acenamos, a conversão de Stein ao cristianismo reflete sua compreensão de que a liberdade não é apenas um ato de vontade, mas uma resposta à verdade que se revela ao sujeito. Ela escreve: "Minha busca pela verdade me conduziu ao encontro com Cristo, onde percebi que a liberdade verdadeira é aquela que se alinha ao que é eterno e absoluto" (Stein, 2001, p. 233).

Para Edith Stein, o momento de sua conversão representou uma manifestação profunda da liberdade existencial, marcada pela decisão consciente de se entregar à verdade que transformou sua vida. Em sua reflexão, Stein entende que a liberdade espiritual está essencialmente vinculada à responsabilidade. Stein afirma que "a liberdade espiritual exige que o sujeito reconheça os valores que transcendem sua existência e se comprometa com eles, assumindo a responsabilidade por sua própria formação e pelo impacto de suas ações no mundo" (Stein, 2001, p. 209).

A partir dessa perspectiva, ela compreende sua conversão ao cristianismo como um ato de liberdade espiritual, por meio do qual se vinculou à verdade absoluta e à transcendência divina. Em suas palavras: "A liberdade espiritual é vivida em sua plenitude quando o sujeito se entrega ao absoluto, encontrando na verdade divina o fundamento para sua existência e sua realização como pessoa" (Stein, 2001, p. 233). Para Stein, essa experiência de conversão exemplifica o poder transformador da liberdade espiritual, capaz de conferir sentido profundo à existência humana.

3.2 A liberdade como abertura ao transcendente

Edith Stein aborda a liberdade como uma dimensão essencial da existência humana, conectada à abertura ao transcendente. Em sua obra, ela afirma que a liberdade espiritual não se limita à autonomia individual, mas se realiza plenamente quando o sujeito se abre ao absoluto e ao divino. Ela escreve: “A liberdade verdadeira é vivida quando o ser humano reconhece sua dependência do transcendente e se entrega àquilo que é eterno e absoluto” (Stein, 2001, p. 233).

Essa perspectiva de liberdade transcendente é fundamentada na capacidade do sujeito de superar suas limitações e buscar um sentido maior para sua existência. Stein destaca: “A liberdade espiritual é o que permite ao sujeito transcender sua própria finitude, encontrando na verdade divina o fundamento para sua vida” (Stein, 2001, p. 209).

Edith Stein destaca que a liberdade espiritual está profundamente entrelaçada com a responsabilidade e o compromisso com valores superiores. Para ela, “a liberdade não é apenas um ato de vontade, mas uma resposta à verdade que se revela ao sujeito, exigindo dele uma entrega consciente e responsável” (Stein, 2001, p. 233). A filósofa assegura que a liberdade, enquanto abertura ao transcendente, alcança sua plenitude quando o indivíduo se vincula ao absoluto, permitindo que sua existência seja transformada pela verdade divina. Como ela expressa: “A liberdade espiritual é a expressão mais elevada da existência humana, pois é nela que o sujeito encontra sua realização como pessoa e sua conexão com o eterno” (Stein, 2001, p. 209).

3.3 A influência do pensamento tomista na concepção de liberdade

Edith Stein, em sua obra, explora a influência do pensamento tomista na concepção de liberdade, destacando como Tomás de Aquino fundamenta a liberdade humana na relação com o transcendente. Segundo Stein, a liberdade não é apenas um ato de escolha, mas uma expressão da racionalidade e da abertura à verdade divina. Ela afirma: “A liberdade verdadeira é vivida quando o ser humano reconhece sua dependência do transcendente e se entrega àquilo que é eterno e absoluto” (Stein, 2001, p. 233). Além disso, Stein enfatiza que, para Tomás de Aquino, a liberdade está intrinsecamente ligada à busca pela verdade e ao compromisso com o bem. Ela escreve: “A liberdade espiritual é o que permite ao sujeito transcender sua própria finitude, encontrando na verdade divina o fundamento para sua vida” (Stein, 2001, p. 209).

Stein também destaca que, no pensamento tomista, a liberdade está conectada à responsabilidade moral e à capacidade humana de agir em conformidade com a verdade e os valores superiores. Ela afirma: “A liberdade, segundo Tomás, não é um ato isolado, mas uma expressão da capacidade humana de agir em conformidade com a verdade e os valores superiores (Stein, 2001, p. 209). Para Edith Stein a concepção tomista de liberdade oferece uma visão elevada e integrada da existência humana, onde a liberdade é vivida plenamente na busca pelo transcendente e na adesão ao bem absoluto.

4 FENOMENOLOGIA DA VERDADE

4.1 Como Edith Stein descreve a experiência da verdade

Edith Stein descreve a experiência da verdade como um processo profundo de conexão entre o ser humano e o transcendente. Ela afirma que a verdade não é apenas algo que se descobre, mas algo que se vivencia e se integra à própria existência. Segundo Stein, “a verdade ilumina as profundezas da alma, permitindo que o indivíduo compreenda sua essência e seu propósito” (Stein, 2001, p. 233). Além disso, ela destaca que a busca pela verdade exige abertura e autenticidade, afirmando que “a experiência da verdade é vivida quando o ser humano se entrega àquilo que é eterno e absoluto” (Stein, 2001, p. 209).

Stein também enfatiza que a verdade não é apenas um conceito abstrato, mas uma realidade que transforma e orienta a vida. Ela escreve: “A verdade, quando vivenciada, torna-se o fundamento para todas as ações e decisões humanas, revelando o caminho para o bem e para a plenitude” (Stein, 2001, p. 209). Por meio dessa abordagem, a autora oferece uma perspectiva filosófica que conecta a verdade à essência do ser e à busca pelo transcendente, mostrando como essa experiência é central para a compreensão da existência humana.

4.2 A verdade como revelação e não apenas como construção racional

Edith Stein aborda a verdade como uma revelação que transcende a mera construção racional, destacando sua dimensão espiritual e sua conexão com o transcendente. Ela afirma que “a verdade não é apenas fruto do esforço intelectual humano, mas algo que se revela ao ser humano quando este se abre àquilo que é eterno

e absoluto" (Stein, 2001, p. 233). Além disso, Stein enfatiza que a verdade, enquanto revelação, exige uma postura de abertura e receptividade, afirmando que “a experiência da verdade não é apenas um ato de raciocínio, mas um encontro com algo que transcende a capacidade humana de compreender plenamente” (Stein, 2001, p. 209). Por meio dessa perspectiva, Edith Stein apresenta a verdade como uma realidade que não apenas é construída pelo intelecto, mas que se revela ao ser humano, transformando sua vida e orientando-o para o bem e para o absoluto.

4.3 A intersubjetividade como caminho para a verdade compartilhada

Edith Stein explora a intersubjetividade como um caminho essencial para a verdade compartilhada, destacando que a experiência da verdade não é apenas individual, mas também coletiva. Ela afirma que “a intersubjetividade permite que os indivíduos se conectem e compartilhem suas vivências, ampliando a compreensão da verdade por meio do diálogo e da empatia” (Stein, 2001, p. 250). Stein enfatiza ainda que “a verdade compartilhada surge quando as experiências próprias e alheias se entrelaçam, formando uma unidade que transcende o individual” (Stein, 2001, p. 225).

Stein também destaca que a intersubjetividade é fundamental para a construção de uma comunidade baseada na busca pelo bem comum, afirmando que “a verdade compartilhada não é apenas um ideal, mas uma necessidade para a convivência humana, pois é por meio da intersubjetividade que se alcança uma compreensão mais profunda e universal da realidade” (Stein, 2001, p. 225).

Por outro lado, ela ressalta que “a intersubjetividade permite que os indivíduos transcendam suas perspectivas limitadas e alcancem uma compreensão mais ampla da verdade por meio do diálogo e da troca de experiências” (Stein, 2001, p. 96). O encontro com o outro é essencial para a construção de uma verdade compartilhada, pois “a verdade se manifesta de forma mais completa quando é vivida e reconhecida em comunidade, onde diferentes perspectivas se complementam” (Stein, 2001, p. 97).

Além disso, a autora enfatiza o papel essencial da empatia nesse processo, permitindo que os indivíduos compreendam e se conectem com as vivências alheias, criando um espaço de abertura para a verdade comum (Stein, 2001, p. 175). Por meio da intersubjetividade, Edith Stein apresenta a verdade como algo que não apenas pertence ao indivíduo, mas que se enriquece e se expande na relação com os outros, promovendo uma compreensão mais profunda e compartilhada da realidade.

5. ÉTICA E LIBERDADE

5.1 A liberdade como base para a ação ética

Edith Stein aborda a liberdade como base para a ação ética, destacando que “a liberdade é a capacidade do indivíduo de se autodeterminar, escolhendo agir conforme os valores que reconhece como verdadeiros” (Stein, 2001, p. 161). Ela afirma que a liberdade não é apenas ausência de restrições externas, mas uma força interior que permite ao ser humano tomar decisões conscientes e responsáveis, orientadas pelo bem e pela verdade (Stein, 2001, p. 153).

Stein enfatiza que “a liberdade é o fundamento da responsabilidade ética, pois é por meio dela que o indivíduo pode assumir suas escolhas e responder por suas ações” (Stein, 2001, p. 162). Ainda, ela destaca que a liberdade está intrinsecamente ligada à dignidade humana, afirmando que “agir livremente é um reflexo da capacidade humana de transcender suas limitações e buscar o que é elevado e verdadeiro” (Stein, 2001, p. 153).

A autora também explora a relação entre liberdade e valores, afirmando que “a liberdade não é um fim em si mesma, mas um meio para que o ser humano se comprometa com os valores que reconhece como fundamentais, tais como o bem, a justiça e a verdade” (Stein, 2001, p. 151). Nesse sentido, Edith Stein apresenta a liberdade como a base para a ação ética, permitindo que o indivíduo não apenas escolha, mas também se comprometa com aquilo que é moralmente válido e significativo.

Ainda, Stein afirma que “a liberdade é vivida em cada ato espontâneo, sendo uma característica ineliminável da pessoa como sujeito dotado de vontade” (Stein, 2001, p. 207). Ela destaca que “a liberdade está intrinsecamente ligada à ética, pois é por meio da liberdade que o indivíduo pode decidir entre o bem e o mal, assumindo a responsabilidade por suas escolhas e ações” (Stein, 2001, p. 209).

Por fim, Edith Stein ressalta que “a liberdade, quando orientada pelos valores, é o que torna possível a construção de uma vida ética e a realização do bem comum” (Stein, 2001, p. 153). Ela apresenta a liberdade como um elemento indispensável para a ética, pois é por meio dela que o ser humano pode agir de forma consciente, responsável e em busca do bem maior.

5.2 A formação do eu moral na busca da verdade

Edith Stein explora a formação do eu moral como um processo essencial na busca pela verdade, destacando que o núcleo da personalidade é formado pela interação entre as profundidades da alma e os valores escolhidos pelo indivíduo (Stein, 2001, p. 182). Ela afirma que o desenvolvimento moral está intrinsecamente ligado à capacidade de discernir e se comprometer com a verdade, que fundamenta a vida ética (Stein, 2001, p. 186). A formação do eu moral ocorre por meio da liberdade e da vontade, permitindo ao indivíduo moldar seu caráter e ações conforme os valores reconhecidos como verdadeiros (Stein, 2001, p. 177).

Stein enfatiza que o caráter é a expressão da singularidade do eu, formado pelas escolhas e adesão aos valores que orientam a vida moral (Stein, 2001, p. 178). A busca pela verdade dá profundidade ao eu moral, permitindo ao indivíduo transcender suas limitações e se orientar para o elevado e universal (Stein, 2001, p. 184). “A construção do eu moral é um processo permanente, sustentado pela reflexão, pelas vivências e pelo compromisso com a verdade.” (Stein, 2001, p. 153)

A autora também aborda a relação entre o eu moral e a comunidade, afirmando que o eu moral se forma na interação com os outros, aprendendo a reconhecer e respeitar valores compartilhados (Stein, 2001, p. 194). Nesse processo, a vontade é essencial para autodeterminar o eu e orientá-lo para o bem (Stein, 2001p. 186). A formação do eu moral é um caminho de autotranscendência, no qual o ser humano se eleva acima de suas inclinações para buscar o verdadeiro e o bom (Stein, 2001, p. 153).

Em síntese, Edith Stein concebe a formação do eu moral como uma jornada de autoconhecimento e fidelidade à verdade, ressaltando que esse eu se desenvolve à medida que o indivíduo se abre à verdade e se compromete com valores que conferem sentido à sua existência.” (Stein, 2001, p. 186)A busca pela verdade é o fundamento para alcançar uma vida ética e plena, orientada pela liberdade, responsabilidade e compromisso com valores fundamentais (Stein, 2001, p. 161).

5.3 A relação entre liberdade, verdade e dignidade humana

A relação entre liberdade, verdade e dignidade humana constitui um eixo central na obra de Edith Stein, sendo abordada como elemento fundamental para a compreensão da essência do ser humano e de sua capacidade de agir de maneira

autêntica, ética e responsável. A liberdade é apresentada como uma vivência fundamental que permite à pessoa autodeterminar-se e tomar decisões conscientes, sendo indispensável para a realização da dignidade humana. Essa conexão é explorada nas páginas 153 a 157 da obra em análise, onde Stein analisa a liberdade como elemento essencial da responsabilidade pessoal e da abertura para o mundo dos valores.

Na página 227, Edith Stein aprofunda-se na dimensão da alma e sua relação com a vida espiritual, enfatizando que a liberdade constitui uma vivência essencial, por meio da qual o indivíduo age segundo sua própria vontade, guiado pela verdade. Já na página 233, ela aborda a liberdade como uma vivência constante, manifesta nas ações espontâneas do ser humano, elemento fundamental da dignidade e expressão de uma autenticidade alinhada à verdade.

Na página 237, Edith Stein aprofunda a análise da conexão entre corpo e alma, evidenciando a unidade da pessoa e sua aptidão para expressar sua interioridade. Essa integração revela a dignidade humana, manifestada na liberdade de ser e agir em consonância com a verdade. Stein ressalta ainda que a verdade não se limita a um conceito abstrato, mas constitui uma realidade concreta, que deve ser buscada e vivenciada como fundamento da formação moral e expressão da dignidade humana.

Portanto, Edith Stein nos convida a refletir sobre como liberdade, verdade e dignidade humana estão interligadas, formando uma tríade inseparável que define a essência do ser humano. A liberdade possibilita escolhas autênticas, a verdade orienta essas escolhas, e a dignidade é o resultado da vivência plena desses valores. Essa perspectiva, fundamentada nas páginas mencionadas, nos inspira a buscar uma vida que respeite e valorize esses princípios fundamentais, promovendo uma existência autêntica e uma sociedade mais justa e humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Edith Stein oferece uma contribuição significativa para a filosofia e a teologia contemporâneas ao explorar a relação entre liberdade, responsabilidade e busca pela verdade na formação da consciência. Ela concebe a liberdade como uma vivência essencial que transcende a mera capacidade de escolha, sendo profundamente conectada à responsabilidade pessoal e à abertura para valores fundamentais. A busca pela verdade, por sua vez, exige reflexão, compromisso e abertura, sendo indispensável para

a formação de uma consciência ética e madura. A liberdade autêntica, orientada pela verdade, permite ao ser humano agir de forma responsável e construir uma vida significativa, promovendo sua dignidade e contribuindo para uma sociedade mais ética e humana. Assim, Stein ilumina a profundidade da experiência humana, destacando que a dignidade só pode ser plenamente realizada quando a liberdade é vivida em harmonia com a verdade e a responsabilidade.

Edith Stein destaca que a liberdade e a responsabilidade são elementos fundamentais na formação da consciência, sendo inseparáveis e interligados. A liberdade não é um fim em si mesma, mas um meio para alcançar a realização plena do ser humano, que ocorre por meio do compromisso com a verdade e da responsabilidade pelas escolhas e ações. Esse processo exige autoconhecimento, reflexão e abertura ao transcendente, conectando o indivíduo com valores universais e promovendo uma ética baseada na empatia e no respeito mútuo.

Ademais, Edith Stein salienta que a formação da consciência está profundamente vinculada à dinâmica entre o indivíduo e a comunidade. A liberdade, quando exercida com responsabilidade, contribui para a construção da identidade pessoal e impacta o tecido social, favorecendo valores como justiça, solidariedade e respeito mútuo. A responsabilidade, por sua vez, capacita o ser humano a reconhecer os efeitos de suas decisões e a agir de acordo com princípios éticos, fortalecendo a edificação de uma sociedade pautada na dignidade e na busca pela verdade.

Nesse sentido, a filosofia de Edith Stein nos convida a refletir sobre a profundidade da experiência humana e a importância de viver em harmonia com valores universais. Sua abordagem fenomenológica e filosófica oferece um caminho para compreender como a liberdade, a verdade e a responsabilidade se entrelaçam na formação da consciência e na promoção de uma vida autêntica, inspirando-nos a buscar uma existência que valorize tanto a individualidade quanto a interconexão com o outro, contribuindo para um mundo mais justo e humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HUSSERL, E. *Fenomenologia e Filosofia da Subjetividade*. Trad. Anna Maria Pezzella. Roma: Editora XYZ, 1995.

STEIN, E. *Introduzione alla filosofia*. Trad. Anna Maria Pezzella. Roma: Città Nuova Editrice, 2001.

_____. *Il problema dell'empatia*. Trad. E. Costantini & E. Schulze-Costantini. Roma: Studium, 1998.

_____. *Ser finito e Ser eterno*. Coordenação João Ricardo Moderno; Tradução Zaira Célia Crepaldi. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

STEIN, E. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. São Paulo: Loyola, 2013.